

<https://doi.org/10.47456/simbitica.v12i3.49058>

A educação das formigas: extremas direitas e redes sociais

The Education of Ants: the far right and the social media

La educación de las hormigas: extrema derecha y redes sociales

Bruno Antonio Picoli

Universidade Federal da Fronteira Sul

Roberta Guimarães

Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo O artigo parte da indagação: qual o educativo na atuação das extremas direitas contemporâneas nas redes sociais e quais são suas implicações para o futuro das democracias? Para enfrentá-la faz uso das ideias de Idolatria (Souza, 2020) e de regime de informação (Han, 2018). Está organizado em três momentos. No primeiro momento, procura compreender o reacionarismo a partir do processo de digitalização da vida. No segundo, são analisados três casos: o Movimento 5 Estrelas na Itália, a campanha de Donald Trump em 2016 nos Estados Unidos e a atuação da Jovem Pan no Brasil. Juntos, esses casos demonstram como lideranças e movimentos reacionários se valeram dos ambientes digitais para manipular informações e consolidar seu poder político. Já o terceiro momento propõe uma reflexão sobre os efeitos desses movimentos, problematizando os impactos da radicalização política e da desinformação sobre o espaço público e a própria ideia de democracia. Conclui-se que as extremas direitas contemporâneas operam sob a aparência de liberdade e espontaneidade, educando os sujeitos para uma concepção quantitativa da “verdade”, para a naturalização das relações de mercado e para uma ideia de democracia como imposição da vontade da maioria sobre as minorias.

Palavras-chave: extrema direita; redes sociais; idolatria; subjetividades.



Abstract The article starts with the question: what is educational about the actions of contemporary far right groups on social media, and what are the implications for the future of democracies? To address this question, it draws on the ideas of idolatry (Souza, 2020) and the information regime (Han, 2018). It is organized into three sections. First, it seeks to understand reactionism from the perspective of the digitisation of life. Second, it analyses three cases: the Five Star Movement in Italy, the Donald Trump's 2016 campaign in the United States, and the actions of Jovem Pan in Brazil. Together, these cases demonstrate how reactionary leaders and movements have used digital environments to manipulate information and consolidate their political power. The third part proposes a reflection on the effects of these movements, questioning the impacts of political radicalisation and disinformation on the public sphere and the very idea of democracy. It concludes that contemporary far-right movements operate under the guise of freedom and spontaneity, educating individuals to accept a quantitative conception of 'truth,' the naturalisation of market relations, and an idea of democracy as the imposition of the will of the majority on minorities.

Keywords: far right; social media; idolatry; subjectivities.

Resumen El artículo comienza con la pregunta: ¿cuál es el educativo de las acciones de los grupos de extrema derecha contemporáneos en las redes sociales y cuáles son las implicaciones para el futuro de las democracias? Para abordar esta pregunta, se basa en las ideas de idolatría (Souza, 2020) y de régimen de información (Han, 2018). Se organiza en tres secciones. En primer lugar, trata de comprender el reaccionarismo desde la perspectiva de la digitalización de la vida. En segundo lugar, analiza tres casos: el Movimiento Cinco Estrellas en Italia, la campaña de Donald Trump en 2016 en Estados Unidos y las acciones de Jovem Pan en Brasil. En conjunto, estos casos demuestran cómo los líderes y movimientos reaccionarios han utilizado los entornos digitales para manipular la información y consolidar su poder político. La tercera parte propone una reflexión sobre los efectos de estos movimientos, cuestionando el impacto de la radicalización política y la desinformación en la esfera pública y en la propia idea de democracia. Concluye que los movimientos de extrema derecha contemporáneos operan bajo el disfraz de la libertad y la espontaneidad, educando a los individuos para que acepten una concepción cuantitativa de la «verdad», la naturalización de las relaciones de mercado y una idea de democracia como la imposición de la voluntad de la mayoría sobre las minorías.

Palabras clave: extrema derecha; redes sociales; idolatría; subjetividades.

Recebido em 18-08-2025

Modificado em 06-10-2025

Aceito para publicação em 10-12-2025

Introdução

As formigas seguem uma série de regras aplicadas a cada indivíduo por meio das quais se determina uma estrutura muito organizada, mas não centralizada. Cada formiga reage ao contexto, ao espaço no qual se desloca as outras formigas [...] É preciso que os participantes sejam numerosos, que se encontrem por acaso e que não tenham consciência das características do sistema no seu todo. Uma formiga não deve saber como funciona o formigueiro, do contrário, todas as formigas desejariam ocupar melhores postos e os menos cansativos, criando, assim, um problema de coordenação (Casaleggio, 2012 *apud* Empoli, 2020:53).

No primeiro quarto do século XXI as democracias ocidentais foram palco de uma onda que chacoalhou suas estruturas legais e institucionais ao tensionar os limites da ideia de liberdade. Essa onda também escancarou as fragilidades das próprias democracias enquanto sistemas de governo incapazes de promover alternativas reais para além dos estreitos marcos do capitalismo neoliberal, hegemônico. Esta onda carrega traços herdados de regimes antidemocráticos do século XX, mas possui também características próprias, relativas ao nosso tempo histórico. Na Hungria, Itália, Finlândia, República Tcheca, Estados Unidos, El Salvador, Brasil e Argentina, líderes, partidos e movimentos autodenominados “antissistema” obtiveram vitórias eleitorais expressivas, chegando ao poder executivo (Forti, 2024). Já na França e na Alemanha, o crescimento dos partidos Front Nacional e Alternativa para a Alemanha (AfD) provocou inéditas alianças, inclusive não formais, entre partidos de centro e de esquerda (Lorimer, Jonge & Griffini, 2025).

Essa onda extremista de direita não é um fenômeno que acontece de forma isolada, seja geográfica, ideológica ou politicamente, mas uma complexa reconfiguração do cenário político global que encontra nas redes sociais o seu meio de propagação mais eficaz. Dentre outros fatores, estes movimentos compartilham um ponto de convergência que em muito favoreceu seu florescimento: as redes sociais como campo fecundo para veiculação de seus valores e “verdades”, bem como para formação de subjetividades radicalizadas.

Nos últimos anos, as redes sociais tornaram-se não apenas plataformas para compartilhar momentos cotidianos, mas também espaços em que ideias políticas são debatidas, movimentos sociais são organizados e a opinião pública é formada a partir dos discursos que são construídos nesses ambientes virtuais. Entretanto, é preciso não incorrer na inocência de entendê-las como novas ágoras, em que todos possuem o mesmo direito à voz, destacando-se apenas por suas próprias qualidades. Em primeiro lugar, há que se destacar que as redes sociais mais utilizadas não são ambientes virtuais públicos, mas privados. São grandes empresas de tecnologia (*Big Techs*) que

visam lucro direta ou indiretamente, agindo, neste caso, em favor dos interesses de seus proprietários e parceiros políticos e econômicos (Lanier, 2018). Essa dimensão tornou-se inegável com a aquisição da plataforma *Twitter* (hoje *X*) pelo empresário Elon Musk e com a redefinição das diretrizes sobre conteúdos da empresa Meta, proprietária das plataformas *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, após a posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos em 2024 (Evangelista, 2025).

Em segundo lugar, a comunicação é mediada, ou melhor, atravessada por dispositivos matemáticos que distribuem informações sem transparência para os usuários sobre os critérios para tal, como uma “caixa preta indecifrável”: os algoritmos (Santos, 2022). Essa mediação dificulta, e até mesmo interdita o diálogo entre os diferentes sujeitos que recebem em seus dispositivos eletrônicos apenas publicações alinhadas ao seu perfil de interesse comercial, artístico, político, ideológico, etc. Para além de atender aos gostos dos usuários, pela lógica algorítmica, Shoshana Zuboff (2021) afirma que as redes sociais estabelecem controle sobre as ações dos sujeitos em um patamar até então desconhecido, sobretudo se considerarmos a dimensão ubíqua do acesso às redes sociais na contemporaneidade (Guilherme & Picoli, 2017). De forma “voluntária”, os usuários oferecem gratuitamente às *Big Techs* informações sobre seus padrões de consumo, sua localização presente e futura, seu deslocamento, suas inclinações políticas. As opções de interação nas plataformas cumprem a função de fornecer às empresas um perfil de usuário. Mas para além disso, as empresas podem represar um tipo de informação e favorecer outro tipo de acordo com seus interesses, produzindo e/ou ampliando a desigualdade no debate de ideias (Lenier, 2018; O’Neil, 2016).

As redes sociais possuem assim, uma dimensão educativa, ou seja, interferem na subjetividade dos usuários na medida em que oferecem recursos que os isolam por meio de imagens que reforçam suas próprias crenças e que são fornecidas em quantidades impossíveis de serem “consumidas”, consolidando seu aspecto de “Verdade”. Plá (2022:35, tradução nossa) compreende “o educativo” como “a dimensão inerente às relações humanas que [...] abarca tanto a transmissão de saberes como a formação dos sujeitos. [...] é uma intenção de transmitir um valor”. A reflexão que propomos nas próximas páginas busca enfrentar a seguinte questão: qual o educativo na atuação das extremas direitas contemporâneas nas redes sociais e quais são suas implicações para o futuro das democracias? Não se trata do “papel educativo” dessa atuação, ou seja, do “como de um o que”, nem mesmo apenas do conteúdo, ou seja, do “o quê de um que”. Embora estas dimensões se entrecruzam, o que se procura aqui é refletir sobre o que é propriamente “o educativo”, ou seja, o “para quê de um que”, a essência, no sentido spinoziano, da atuação das extremas direitas nas redes sociais:

[...] o que constitui necessariamente a essência de uma coisa é aquilo que, se dado, a coisa é posta e que, se retirado, a coisa é retirada, ou aquilo sem o qual a coisa não pode existir nem ser concebida, e inversamente, aquilo que sem a coisa não pode existir nem ser concebido (Spinoza, 2009:58-59).

A estrutura de análise divide-se em três momentos. No primeiro momento, desenvolve-se um esforço conceitual e teórico para compreender o reacionarismo a partir do processo de digitalização da vida e da ascensão do regime de informação. No segundo, são analisados três casos emblemáticos: o Movimento 5 Estrelas na Itália, a campanha de Donald Trump em 2016 nos Estados Unidos e a atuação da Jovem Pan no Brasil. Em conjunto, esses casos evidenciam como líderes e movimentos reacionários utilizaram os ambientes digitais para distorcer informações e fortalecer seu poder político. Por fim, o terceiro momento propõe uma reflexão dos efeitos desses movimentos emergentes das redes sociais nas instituições sociais e democráticas, problematizando os impactos da radicalização política e da desinformação sobre o espaço público e a própria ideia de democracia. Com essas reflexões, busca-se evidenciar que as redes sociais não apenas refletem, mas estruturam novas formas de subjetivação e de ação política dos sujeitos. E, além disso, sua instrumentalização pelas extremas direitas hodiernas produz uma série de implicações para os regimes democráticos contemporâneos. Estes grupos, nestas plataformas, na medida em que metodicamente produzem a imagem de liberdade e espontaneidade, educam os sujeitos para uma concepção quantitativa da “verdade” que, tal qual em um formigueiro, como sustentou Casaleggio sobre a organização do movimento, busca naturalizar as relações desiguais de mercado e consolidar uma concepção de democracia como imposição da vontade de majorias “livremente” formadas.

A razão idolátrica e a educação reacionária no regime de informação

A literatura tradicionalmente trata como reacionário todo movimento, discurso, ideologia e sujeitos que se recusam a mudanças, que procuram a manutenção do *status quo*, das tradições, portanto, reagem de forma negativa ao “novo” (Lilla, 2018; Fromm, 1969). Mark Lilla (2018:12) destaca a nostalgia política da crença de uma Era de Ouro pretérita, em que havia um “Estado feliz e ordenado no qual as pessoas que conhecem seu devido lugar vivem em harmonia, submissas à tradição e a seu Deus” como o traço básico do “espírito reacionário”. Consideramos que essa definição precisa ser aprofundada, pois embora não esteja incorreta, ela possibilita alguns mal-entendidos. Sustentamos que os reacionarismos contemporâneos compreendem parte dos mecanismos de defesa de uma utopia contra utópica, ou conforme Ricardo Timm de Souza (2020:12), “a utopia de que nenhuma utopia tenha ainda espaço no mundo habitado”.

Com isso queremos dizer que os reacionarismos contemporâneos, ora de forma mais transparente, ora mais obscura, compreendem formas de proteção do capitalismo em sua versão neoliberal, ou seja, são aderentes à utopia do mercado, apresentada não como uma utopia, mas como “natureza”, não como ideologia, mas como a forma como

o mundo está plasmado indiferente à vontade e às paixões dos indivíduos. De forma semelhante, observa-se um apego à tradição — ou a uma ideia dela, recortada ou mesmo ficcionada a partir de um suposto passado (Hobsbawm, 1997) — que busca evitar a experiência do novo, potencialmente capaz de oferecer alternativas à lógica de mercado.

[...] é uma utopia contra-utópica, ou seja, reage com violência contra toda alternativa que se apresente. A preocupação com a liberdade do Mercado, não se amplia a outras instâncias da ação humana. A ideia de controle e repressão dos corpos e mentes se estabelece como pressuposto para a efetivação da liberdade do Mercado (não atrapalhar o curso “natural” das coisas). O slogan “liberal na economia conservador nos costumes” expressa a vinculação congênita entre Fascismo e Neoliberalismo. Ser conservador nos costumes significa reforçar a manutenção das estruturas de poder de uma sociedade, em especial na defesa do patriarcado, do racismo, do patrimonialismo, concepções fundamentais para as estruturas autoritárias, especialmente as de caráter e orientação fascistas (Picoli & Radaelli, 2024:8).

Para designar esses agentes, grupos e movimentos, verifica-se um estimulante debate acadêmico. Há autores que defendem a utilização de “Direita Radical” (Minkenberg, 2011), “Direita Populista” (Mouffe, 2019), “Neofascismo” (Mammone, 2015), “Direita Neoliberal Radical” (Nazareno; Brusco, 2024), “Direita Reacionária” (Radaelli, 2022) ou mesmo “Extremas Direitas 2.0” (Forti, 2024). Embora estejamos mais aderentes ao uso de Direitas Neoliberais Radicais, no plural, compreendendo o neoliberalismo como um fenômeno educativo reacionário e idolátrico, entendemos que as demais denominações, embora apresentem centralidades em aspectos distintos, têm mais pontos em comum do que divergências. Postulamos que os grupos que compõem essa direita reacionária contemporânea pertencem a uma mesma família global heterogênea. Mas, além disso, entendemos que fazem parte de uma família maior, historicamente constituída, da qual fazem parte o fascismo histórico das décadas de 1920-1940, os movimentos reacionários insuflados pelas políticas da Guerra Fria, muitos dos quais fomentaram ditaduras civis e militares em diversas regiões do globo, bem como movimentos de menor expressão que mantiveram em suas diretrizes princípios constituintes das experiências fascistas, como o partido Front Nacional na França.

Estes agentes, grupos e movimentos, são heterogêneos quando comparados entre si, pois respondem (reagem) às realidades, culturas e histórias diferentes. Há também questões geopolíticas e econômicas que atravessam sua organização (Nazareno & Brusco, 2024:234). Contudo, à despeito de suas particularidades, possuem elementos em comum, articulações internacionais, fóruns conjuntos — com destaque para a Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC na sigla em inglês) — e uma agenda global (Forti, 2024). Uma manifestação desta familiaridade é a tentativa de atores dessas extremas direitas em se distanciar da associação ao fascismo ao mesmo tempo em que preservam saudosismo dos períodos em que esses

grupos estiveram no poder (Mammone, 2015). Outra manifestação, desta vez por parte dos analistas, é a conclusão que oferece Steven Forti (2024:27, tradução nossa), poucas linhas após ter criticado e descartado o uso de fascismo ou neofascismo para designar o que ele defende ser Extremas Direitas 2.0:

Na prática, a desregulamentação do Congresso que Milei busca impor em seu projeto de lei geral significaria o fim da separação de poderes e do próprio Estado de Direito. Em outras palavras, a morte da democracia – exatamente o que aconteceu na Alemanha com a chegada de Hitler ao poder.

A principal característica dos reacionarismos contemporâneos é a naturalização e a consequente defesa da aplicação generalizada da lógica de Mercado a todas as relações humanas:

[...] seu compromisso ideológico e programático com o ideário neoliberal é claríssimo e sua ideia de Estado é que o melhor que se pode fazer com ele é reduzi-lo à sua mínima extensão, inclusive apelando, mais ou menos veladamente, a utopia anarcocapitalista de uma sociedade sem Estado (Nazareno & Brusco, 2024:236, tradução nossa).

Então, a recusa do “novo” não diz respeito à dimensão técnico-tecnológica, mas epistemológica. Inclusive, é importante destacar a tendência à adesão cega à tecnologia, já denunciada por Adorno (1995:132), bem como a rápida incorporação das tecnologias de informação na propaganda da extrema direita, como fica claro nas relações entre Guglielmo Marconi e Benito Mussolini (Smulyan, Pinals, Pinals & Villarreal, 2017). É epistemológica, mas não porque está presa a valores inegociáveis ou à coerência (vide as modulações nos discursos de Trump e Bolsonaro, bem como de seus apoiadores), mas porque reage com fúria contra toda alternativa de construção de outro mundo para além das margens autorizadas pelo Mercado (Souza, 2020; Radaelli, 2022; Picoli & Radaelli, 2024). A fome do mercado, inclusive, favorece a novidade tecnológica.

O “novo” a que se opõe é no conteúdo e não apenas na forma, portanto, no sentido de novos modos de ser, de novas culturas, tradições e expressões artísticas, novas relações sociais, políticas e econômicas, novas formas de estruturação social e de compreensão da história, novos meios de possibilitar a existência de vidas emancipadas, singulares e irrepetíveis (Biesta, 2020). Defendem a manutenção de estruturas fechadas (embora vendem a ilusão de inovação e liberdade), controladoras, dos corpos e das mentes, com modelos preestabelecidos de como se deve nascer, crescer, viver e morrer. Não há brecha para vislumbrar a possibilidade de superação de padrões mentais, socioeconômicos e culturais hoje impostos a todos nós. Agem de forma pervasiva e ubíqua, sobretudo no cenário de digitalização do mundo, dos sujeitos e das relações.

O decurso da digitalização do mundo e dos sujeitos constitui hoje, conforme Han (2022), um regime da informação.

Chamamos de regime de informação a formação de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos. Em oposição ao regime disciplinar, não são os corpos e energias que são explorados, mas informações e dados. Não é, então, a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e prognóstico de comportamento psicopolíticos (Han, 2022:07).

Contrariando o pressuposto do poder disciplinar e seu poder de transformar o corpo em corpo dócil, em máquina, o regime de informação vai além, exigindo não apenas sujeitos dóceis e obedientes, mas sujeitos que acreditam serem livres, criativos e autênticos (Han, 2022). O poder não é mais pautado somente na biopolítica do regime disciplinar, mas na psicopolítica do regime de informação. Explicando de outra maneira, pode-se dizer que:

A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente [...] nos regimes de informação, as pessoas não se sentem, além disso, vigiadas, mas livres (Han, 2022:13).

O regime de informação, enquanto possibilidade relacional, não exige obediência. A obediência é exigida, entretanto, dentro do espectro ideológico ao qual o indivíduo faz parte. Tal (falsa) sensação de liberdade impulsiona a crença de que se está pensando por conta própria, sem influência externa. A tomada de consciência torna inoperantes as ações dos sujeitos uma vez que estes não têm dimensão da vigilância e influência a que estão submetidos pela lógica algorítmica.

Enquanto nos projetos totalitários do século XX o poder era tomado com a construção de uma ideologia narrativa, através de uma explicação total da história, o projeto totalitário do regime de informação pauta-se na operação dos algoritmos, calculando tudo o que fomos, somos e seremos a partir da mapeação do comportamento dos usuários. Por isso podemos considerar o projeto de poder das *Big Techs* um totalitarismo. Nesse caso, ele não só narra o mundo e história, mas opera esse mundo a partir da coleta e análise de dados, ou seja, manifesta sua pretensão à Totalidade na oferta ininterrupta de “satisfações”, de imagens que atendem os desejos do sujeito (ao mesmo tempo em que gradualmente estabelece o que ele deve desejar), tratando-o como um consumidor-produto, algo significativamente mais adequado ao modelo neoliberal. Ideias também podem ser imagens, ou melhor, imago:

Ideias tomam formas cambiantes, elevam-se publicamente em sua platitude, metamorfoseiam-se em seu contrário, projetam tentáculos hipnóticos, ocupam toda sorte de espaço privilegiado, traduzir-se em linguagens constrangedoramente simplórias, muitas de sua própria invenção, ninguém deixa vê-las e lê-las com a habilidade que uma criancinha demonstra ao desconectar sílabas de uma palavra complexa sem ter a menor ideia do significado de tal palavra. Insinuam-se imagetivamente - magicamente - no campo da percepção (Souza, 2020:11).

Para Souza (2020), a racionalidade hegemônica contemporânea pode ser definida como “idolátrica”, que compreende a inversão entre imagem/ideia e mundo. Vilém Flusser argumenta:

O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria (Flusser, 2002:23-24).

De forma simples: as imagens, que são representações mentais dos objetos externos ao sujeito, captadas pelos sentidos e que tem por função possibilitar o acesso ao mundo (Flusser, 2002:23-24), ao serem tomadas como sendo o próprio mundo (e não como uma representação mental dele), operam como biombos, ou mesmo muros, que interditam o acesso do indivíduo ao mundo complexo e diverso, habitado por homens e mulheres no plural (Arendt, 2017). Contudo, e isso é muito importante: as imagens confortam, satisfazem o sujeito com o arremedo oferecido.

Entretanto, é preciso destacar que a racionalidade idolátrica é o resultado de uma lógica complexa de estratégias intelectuais que tem dois extremos: os sujeitos satisfeitos pelo sistema que os anula e aqueles que obtêm ganhos com isso, financeiros e/ou políticos (Adorno & Horkheimer, 1985:14). É resultado, portanto, de um grande e trabalhoso esforço de subjetivação com a utilização de ferramentas psicológicas, matemáticas, ideológicas e discursivas potentes, capilarizada e direcionada para públicos distintos, com linguagens adequadas a cada público, que faz uso de tecnologias, mas também pode se dar por meios mais “tradicionais”, que se apresenta como salvadora (messiânica). É um trabalho de educação modeladora (Gur-Ze’ev, 2002), de colonização do imaginário/idolatria (Picoli & Radaelli, 2024). Nesse sentido, Souza (2020) sustenta que a razão idolátrica é o resultado da resposta massificada da articulação de duas outras razões: uma vulgar, outra esperta, ardilosa. Conforme o autor

Razão servil, a razão vulgar é o campo de concentração do pensamento, onde são agrupados os estímulos incapazes de sobreviver à dinâmica feroz da dialética dos interesses; seu único argumento é não ter argumento nenhum, e disso se orgulhar [...] porém, tem que ser levado em consideração o fato de que não existe razão vulgar sem uma razão mais sofisticada que a sustente, [...] não seria possível sem algum tipo de alicerce mais sólido, sem alguma estrutura de legitimação do obtuso que somente pode se prestar a esse serviço se, por sua vez, nada tiver de obtusa, ou seja, se sua essência for a astúcia; [...] Imbuída da difícil tarefa de sustentar a violência e vulgaridade do mundo, a razão ardilosa é e tem de se mostrar astuta; pois só pode se expressar por detrás das ideias que cria (Souza, 2020:13-14).

Não pode, portanto, manifestar seus interesses. Precisa, outrossim, criar imagens e ideias que atinjam seu público e, assim, os cooptar como potenciais aliados em suas causas. Seus movimentos são calculados, mas precisam parecer orgânicos, espontâneos, “autênticos”. Precisam, inclusive, parecer obtusos, para que seu portador seja tomado como “gente como a gente”, “um de nós”, um *outsider*.

A força dos movimentos reacionários contemporâneos reside na sua capacidade de mobilizar as novas tecnologias e colocá-las a serviço de um projeto hegemônico reestruturado pelas dinâmicas do neoliberalismo e do regime de informação. O reacionarismo não teme o novo enquanto novas ferramentas (como as redes sociais), mas sim enquanto possibilidade de ruptura com a lógica social imposta. Por esse motivo, o reacionarismo contemporâneo não representa apenas uma recusa, e sim uma estratégia de olhar o mundo como um reflexo idolátrico do mercado.

O processo de articulação entre os reacionarismos contemporâneos (as Direitas Neoliberais Radicais), a razão idolátrica e o regime de informação indica uma iniciativa de reestruturação fantasmagórica da realidade, processo operado pela apreensão de desejos e da subjetividade dos sujeitos. Nesse cenário, as extremas direitas ocidentais têm se demonstrado muito mais eficientes no uso político e educativo das redes sociais. De acordo com Marilena Chaui (2021), os grupos do espectro político de direita contam com a vantagem de terem o poder hegemônico e o senso comum a seu favor. Sua estratégia não é problematizar, e sim naturalizar e validar o *status quo*. Dessa forma, a exigência sobre seus adeptos é mínima, resumindo-se a um apelo para que “sejam eles mesmos” e “autênticos”.

Para compreender esse processo e seus impactos na corrosão de democracias, traremos, na sequência, três casos de instrumentalização, por parte de grupos e movimentos de extrema direita contemporâneos: o *Movimento 5 Stelle* na Itália, a *Cambridge Analytica* nos Estados Unidos e o canal *Os Pingos nos Ís* no Brasil. Partindo desses casos pode-se analisar as diferentes formas que diversas plataformas digitais operam como espaços de formação e produção de subjetivas reacionárias ao mobilizar de forma ubíqua valores caros a esses grupos, bem como naturalizar uma racionalidade alinhada à lógica do mercado e difundir uma ideia de democracia que, no limite, inviabiliza o exercício da vida democrática.

Três cases de sucesso

Partindo da discussão estabelecida, torna-se imprescindível discutir como os grupos e movimentos reacionários operam na prática e a partir da intersecção entre política, regime de informação e disputas discursivas. Neste momento, traremos três casos objetivos que tiveram/têm lugar em diferentes continentes e que evidenciam, cada qual à sua maneira, as relações entre extremas direitas contemporâneas e redes

sociais na construção de regimes de informação que produzem crises democráticas na medida em que favorecem a formação de subjetividades reacionárias e idólatras.

Não se trata de um estudo comparado de casos, mas de um esforço de compreender o fenômeno educativo das extremas direitas e das redes sociais, ou melhor, de sua articulação nem sempre clara e evidente. Em razão disso, a apresentação que segue demoram-se mais nos casos da Itália e do Brasil e toma o caso dos Estados Unidos da América como elo, de modo a evidenciar a rede existente entre os diferentes atores e movimentos da extrema direita contemporânea, que, como dito anteriormente, são heterogêneos quando tomados comparativamente entre si, mas possuem familiaridades que não podem escapar a análise que se dedique a compreender nosso tempo.

Itália: O Movimento 5 Stelle (M5s)

Empoli (2020) consegue marcar no mapa *mundi* um local específico que emergiu como um eficiente laboratório para as investidas reacionárias a partir do ciberespaço desde o início do século XXI: a Itália. Empoli (2020) considera a Itália uma espécie de “Vale do Silício”, ou seja, o grande centro de inovações de ações políticas reacionárias que oferece *cases* de sucesso com potencial para adaptações à realidade de outros países. Destacamos aqui o caso do Movimento 5 Estrelas, liderado pelos italianos Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio.

O genovês Beppe Grillo era uma figura pública do entretenimento italiano já na década de 1980, aparecendo com frequência na emissora pública *Radiotelevisione Italiana S.p.A.*, da qual foi demitido em razão de uma piada. Foi após a demissão que ascendeu profissionalmente e passou a lotar teatros com seus shows de comédia e com anedotas politicamente incorretas (Empoli, 2020). Em 2000, Grillo ganhou a graça do público italiano com uma peça teatral que, em cena, quebrava com um martelo um computador enquanto disparava insultos ao sistema de operação e consumo da indústria informática (Bory, 2017). Suas pautas foram bem aceitas pela população, apesar — ou justamente por esse motivo — do tom ultrajante com que eram externalizadas. Algumas delas, por mais irônicas que possam ser, eram críticas à *internet* e em favor de uma perspectiva democrática: “A internet tinha que ser um sistema democrático para nos fazer trabalhar menos, mas trabalhamos cinco horas a mais” (Verdú, 2021). Tal discurso, entretanto, é reformulado quando o caminho de Grillo encontra o de Gianroberto Casaleggio.

Falecido em 2016, Casaleggio, por sua vez, foi “um visionário, um autodidata, que forjou para si uma concepção da realidade [...] Ele não pretende, de forma alguma, ser movido por qualquer paixão política. ‘A política não me interessa’, garante. ‘O que me interessa é a opinião pública.’” (Empoli, 2020:44). Segundo

informação disponível no website da Casaleggio Associati (www.casaleggio.it), até 2000 era CEO de uma empresa de consultoria e estruturação de posicionamento de marcas na rede digital, de onde saiu em 2003 para criar a sua própria empresa com o mesmo perfil de atuação (CA, 2024). Com sua experiência de comunicação no ciberespaço, Casaleggio soube identificar antecipadamente o potencial de criar um movimento por intermédio das redes a ser guiado pela resposta imediata dos usuários e, ao mesmo tempo, guiá-los a alguma direção. Sabia, também, que apenas isso não seria suficiente, era preciso um elemento capaz de inflamar os usuários, e é assim que Grillo surge como promessa em seu projeto. Grillo era a emoção e Casaleggio a mente articuladora das estratégias de comunicação, organização e técnicas de coleta e análise de dados (Empoli, 2020). Da improvável união, a primeira iniciativa foi a criação de um blog para Grillo sob editoração de Casaleggio ainda em 2005.

O blog beppegrillo.it/ foi ao ar em 26 de janeiro de 2005 e, em poucos dias, tornou-se o mais acessado da Itália, com um *modus operandi* único até então:

Cada postagem nasce com base num ritual muito exato. Durante a manhã, os colaboradores da Casaleggio Associati selecionam os dez comentários mais interessantes publicados no site e os transmitem a Gianroberto. Ele os lê, retrabalha os textos e escreve o post do dia, que estará on-line às 12hs (Empoli, 2020:45).

O entendimento desse processo reforça o argumento de que o estabelecimento da estratégia é racional, mas o fim é, necessariamente, irracional, idolátrico e fantasmagórico (Adorno, 2015; Souza, 2020). Para os usuários on-line, todo o material do blog era de autoria de Grillo. Isso não poderia ser mais ilusório. Casaleggio sempre foi a mente por trás das postagens que, por sua vez, o permitia escolher para onde e como ir a partir dos comentários, da interação do público com os posts que, à época do início do blog, faziam referência majoritária aos casos de corrupção, precariedade do trabalho e aos abusos das grandes empresas (Empoli, 2020). A mensagem entregue ao público era clara: para fazer política não era mais necessário se filiar a um partido, era preciso apenas comentar e divulgar a mensagem na plataforma (Empoli, 2020).

Esta estratégia permaneceu sólida até 2007, quando a partir de comunidades virtuais denominadas “Amigos do Beppe Grillo”, mediadas pela plataforma *MeetUp*, os apoiadores do *blog* começaram a programar encontros presenciais para debater suas demandas e organizar manifestações de rua (Bory, 2017). O “V-Day”, manifestação realizada em 08 de setembro de 2007 por toda a Itália, foi um marco na história de mobilização dos “Amigos de Beppe Grillo”. O país viu-se tomado pelos apoiadores de Grillo que, na oportunidade, conseguiram mais de trezentas mil assinaturas para a iniciativa do “Parlamento Limpo”, proposta que proibia a participação de réus primários e estipulava o exercício da legislatura de no máximo dois mandatos (Braun, 2016). Até esse ato, tanto os políticos quanto as mídias tradicionais ignoram os

ímpetus do movimento emergente do *blog*. Todavia, após a colossal mobilização social resultante do chamado de Grillo em seu *blog*, ignorar as transfigurações da cisão entre política e ciberespaço tornou-se insustentável. A partir disso, Casaleggio e Grillo têm nos *MeetUps* e no V-Day o incentivo social e digital perfeito para um próximo passo: a criação do *Movimento 5 Stelle*.

Criado em 2009, o movimento surgiu com a intenção de unir as experiências realizadas até então pelos seus líderes, ou seja, o *blog* de Grillo, os *MeetUps* e as manifestações de rua (Bory, 2017). Nesse momento inicial, o M5S não era um partido político ou uma associação, mas sim um *site* com o objetivo de reunir em um único lugar informações e discussões centradas no *blog* de Grillo e Casaleggio. O único meio de contato com o blog era através do e-mail, o movimento5stelle@beppegrillo.it, logo, quem tivesse acesso a plataforma do *blog* e a caixa de correio eletrônico, detinha todo o poder informacional disposto a partir da interação do público e dos dados dos usuários (Bory, 2017; Empoli, 2020). Casaleggio tinha em mãos não só um poder informacional gigantesco, mas total controle da narrativa do *blog* e de todo o debate público que emergia a partir dele.

A citação com que iniciamos este artigo, de autoria de Davide Casaleggio, filho de Gianroberto e seu herdeiro, na qual faz uma curiosa relação entre a organização das redes sociais e a organização de um formigueiro, nos permite compreender as premissas do M5S: se apresentar como um projeto descentralizado em que os apoiadores (as formigas) não tenham noção alguma do que acontece atrás das engrenagens que a fazem funcionar. É a manifestação radical e desenhada da razão idolátrica, ou seja, da articulação entre a razão ardilosa que “existe, em suma, para esconder a verdade” (Souza, 2020:14, grifos no original) e a razão vulgar, obtusa e mantida deliberadamente na obtusidade. Apenas um grupo, personalizado na figura de um grande líder, tem dimensão do que fazem e querem. Para seus apoiadores, o M5S é sinônimo de participação ativa na vida política, uma vez que possuem a crença de, finalmente, ter em mãos a chance de, se não destruir, pelo menos enfraquecer o poder de ação dos “políticos tradicionais”, do “sistema”, ou, na versão argentina, da “casta” (Rodríguez Pérez, 2024).

Para Casaleggio e Grillo, entretanto, o movimento sistematizado a partir da *internet* era, antes de tudo, um instrumento de controle. Como todo movimento totalizante, o M5S descarta todo usuário que sinaliza minimamente qualquer dissonância com seus posicionamentos. Com um clique, os usuários podem ser banidos da plataforma. Assim como na ação idolátrica, não é permitido questionamentos e o menor sinal de dúvida é visto como traição. “À menor dúvida, nenhuma dúvida a mais”, dizia Casaleggio (Empoli, 2020:51). Este é mais um ponto em que podemos estabelecer paralelo do M5S com a racionalidade idolátrica e contra-utópica dos reacionarismos.

A partir da criação do M5S, o foco das investidas do movimento passou a ser, concomitantemente, as eleições municipais e para o parlamento italiano. Um marco para o M5S foram as eleições parlamentares de 2013. Com a campanha “Tour do Tsunami”, Grillo percorreu o país apresentando candidatos que, ao final do pleito, somaram cerca de 25% dos votos, tornando-se o partido mais votado naquela oportunidade (Braun, 2016). Os eleitos pelo M5S transformaram-se em fantoches de Grillo e Casaleggio, pois cada passo dado por eles era monitorado de perto pelos líderes que tinham acesso até mesmo aos seus *e-mails* e redes sociais (Empoli, 2020). Outro exemplo do controle autoritário das lideranças do movimento ocorreu nas eleições de 2016, em que os candidatos assinaram um termo que os impunha o pagamento de multa no valor de 150.000 euros em caso de rompimento com o movimento partidário (Braun, 2016).

Atualmente, o M5S passa por um processo de reestruturação após algumas perdas parlamentares e destituição de seu fundador, Beppe Grillo. Mesmo passando por uma crise interna, o movimento vem se reposicionando em nível de Europa e segue relevante e influente no cenário político (Domínguez, 2024). A experiência do *Movimento 5 Stelle* evidencia a forma como a articulação entre redes sociais, controle discursivo e estratégias de mobilização no ciberespaço pode estruturar e colocar em prática um projeto político reacionário com implicações diretas no rumo a ser seguido pela política de um país. Essa lógica encontra ressonância em outras experiências, como é o caso da atuação da *Cambridge Analytica* nos Estados Unidos. À sua maneira, esse *case* de sucesso comprova como as redes sociais e a distribuição de conteúdo através da programação algorítmica podem manipular e formar a opinião pública e implicar diretamente no processo democrático.

Eua: caso da Cambridge Analytica

As estratégias, especialmente aquelas vinculadas no meio digital da campanha presidencial de Donald Trump em 2016, foram pensadas e colocadas em prática pela empresa *Cambridge Analytica*. A empresa, de propriedade do bilionário do mercado financeiro Robert Mercer, era presidida, à época, por Steve Bannon, então principal assessor de Trump e que passou um considerável tempo em solo italiano acompanhando de perto os passos do M5S (Empoli, 2020).

Conforme indicam Martins e Tateoki (2019:144), “a *Cambridge Analytica* é uma empresa de *marketing* inglesa cuja especialidade é analisar grandes quantidades de dados pessoais para construir estratégias supostamente mais eficazes a serem empregadas em campanhas publicitárias de várias ordens”. Em 2018 a empresa foi alvo de denúncias feitas por um ex-funcionário que alega o uso ilegal dos dados de milhares de usuários estadunidenses. Os dados obtidos de forma ilegal via *Facebook* foram usados para a produção e direcionamento de publicações favoráveis a Trump a

contrária a Hilary Clinton durante o processo eleitoral de 2016. A empresa teria comprado ilegalmente dados de mais de 87 milhões de usuários do *Facebook* por meio do aplicativo *thisisyourdigitallife* e que, a partir de uma complexa análise comportamental dos usuários na plataforma, possibilitou a empresa direcionar uma média de 40 mil tipos de anúncios, cada qual para um perfil específico de usuário (Martins; Tateoki, 2019; Duffy, 2022). O alvo era bombardeado por uma “arma de destruição matemática” (O’Neil, 2016) tão competente e precisa, tão satisfatória que não produzia uma vítima, mas um adepto, um entusiasta (Gur-Ze’ev, 2002), que se sente, como já nos alertavam Adorno e Horkheimer (1985:14), mais do que nunca satisfeito pelo aparato que o impedia de ver para além dele.

Sumpter (2019) afirma que a empresa, sob a posse ilegal de incontáveis dados dos usuários, desenvolveu algoritmos que interferiram diretamente nas decisões dos eleitores. Não apenas entregando aos usuários mais propagandas eleitorais de Trump, o que por si só já desequilibraria a disputa, mas também de uma forma mais “orgânica”, ou seja, impulsionando a visibilidade de postagens de usuários comuns, apoiadores da candidatura Trump, e direcionando-as para outros usuários comuns, de perfil indeciso. Essa estratégia resulta, da perspectiva do eleitor, na sensação de consenso em torno de uma suposta maior adesão popular de uma candidatura frente a outra. Conforme Santos (2022: 3), isso criava “uma bolha de informações direcionada, de forma que o eleitor não conseguia ver o panorama mais amplo”.

O caso foi encerrado em 2022 com o acordo de pagamento, por parte da *Meta*, empresa controladora do *Facebook*, de multa no valor de US\$ 725 milhões. A *Meta* aceitou realizar o pagamento da ação coletiva, mas, entretanto, não assumiu no acordo judicial as suas irregularidades quanto ao vazamento de informações (Duffy, 2022).

Brasil: o caso do canal no YouTube “Os Pingo nos Ís” do grupo Jovem Pan

Assim como na Itália e nos Estados Unidos, no Brasil há uma diversidade de estratégias pelas quais a razão ardilosa procura modelar a razão vulgar. Para além do caso que nos propomos analisar, podemos citar a articulação emergente das redes sociais do Movimento Brasil Livre (MBL) e da produtora Brasil Paralelo. Enquanto o centro do discurso político ideológico liberal do MBL estrutura-se na pretensa luta contra a corrupção, a Brasil Paralelo se sustenta no discurso de construir uma História ressignificada e “verdadeira”, direcionando a luz para o que historiografia ética e cientificamente produzida supostamente quer esconder (ver Picoli, Chitolina & Guimarães, 2020; Paulo, 2020; Dos Santos & Chagas, 2018). Nesse processo, o *YouTube* é uma dentre tantas redes sociais que conflagram disputas discursivas e ideológicas. Não obstante, o *YouTube* possui certa especificidade em relação às demais

redes sociais, visto que pesquisas conseguiram constatar a tendência reacionária dos resultados de sua barra de busca e sessão de recomendação de vídeos (Lewis, 2018; Reis, Zanetti & Frizzera, 2019; Rieder, Matamoros-Fernández & Coromina, 2018).

Em qualquer rede social, todas as publicações são entregues aos usuários por intermédio da operação algorítmica. O algoritmo é, de modo geral, uma sequência de ações, operações e instruções programadas para atingir determinado objetivo. É como uma receita, um passo a passo para realizar determinada tarefa. Nesse mundo de possibilidades, cada rede social desenvolve, partindo de seus preceitos e objetivos, seu próprio algoritmo. O *YouTube*, por exemplo, utiliza desde a última década o *machine learning* como forma de programação, modelo que consiste em “um subconjunto da inteligência artificial que permite que um sistema aprenda e melhore de forma autônoma usando redes neurais e aprendizado profundo, sem ser programado explicitamente, alimentando-o com grandes quantidades de dados” (Google Cloud, 2024). Em outras palavras, o *machine learning* funciona mesmo sem uma pré-programação específica e, essencialmente, gera resultados a partir do acúmulo de “experiências”, ou seja, de dados coletados.

No caso do *YouTube*, esse sistema funciona em duas frentes: uma para seleção e filtragem e outra para *rankeamento* de vídeos relevantes e, sobre isso, Reis, Zanetti e Frizzera (2019:11) explicam:

Na fase de seleção, o algoritmo leva em consideração o histórico de atividades do usuário (vídeos assistidos, interações, assinaturas de canais, comentários, buscas anteriores e demografia) como variáveis para produzir uma amostra (centenas) de possibilidades dentro da coleção de vídeos do YouTube. Esta seleção representa uma lista de vídeos relevantes para o usuário, mas sem nenhuma ordem de importância definida. A segunda etapa se concentra em ordenar essa seleção para criar uma lista de recomendações otimizada para cada usuário. O algoritmo designa uma pontuação (score) para cada vídeo usando uma série de recursos que descrevem tanto as atividades do perfil, quanto os atributos do vídeo (título, canal, número de visualizações, likes, dislikes, comentários, recomendações anteriores, data de publicação, etc.). A lista completa desses atributos e o peso relativo de cada uma delas não são revelados pelo YouTube. No final do processo, os vídeos de maior pontuação são apresentados ao usuário numa lista ordenada ao lado ou abaixo do vídeo que o usuário está assistindo (Reis, Zanetti & Frizzera, 2019:11).

Vale a ênfase de que esses resultados entregues via algoritmo, não raro passam por mudanças e podem sofrer alterações com ações de publicidade ou vídeos inseridos na lista com fins de teste pelos desenvolvedores da plataforma (Reis, Zanetti & Frizzera, 2019). Nesse sentido, se “quanto mais dados são colocados neles (nos algoritmos), mais precisos serão os resultados” (Google Cloud, 2024), como as demais redes sociais, o *YouTube* serve como máquina do prazer, como meio de retroalimentação de discursos e ideologias que os usuários possuem previamente (Gur-Ze’Ev, 2002). Ou seja, por dados, podemos compreender o uso habitual de cada

usuário, seja tempo de tela, *likes* e *deslikes*, temática de vídeos assistidos, vídeos e canais procurados, comentários feitos e etc. É toda e qualquer ação feita pelo usuário na plataforma.

Mais que um mero espaço de compartilhamento de vídeos, o *YouTube* é, hoje, uma rede de produção de conteúdos informacionais e de entretenimento que acaba por favorecer determinadas narrativas e atores sociais a partir do funcionamento de seu algoritmo. Nesse cenário, mais que vídeos caseiros feitos de forma independente pelos usuários, é possível identificar uma crescente adesão à plataforma por parte de instituições, governos e redes de jornalismo que viram na plataforma uma oportunidade de expandir seu alcance. É com esta ferramenta de expansão comunicacional ocasionada pela plataforma que entra em cena, nesta análise, o Grupo Jovem Pan.

Diferente dos outros casos em que se criou um blog ou uma empresa, no caso da Jovem Pan, tem uma empresa quase centenária que se remodelou para acompanhar a transformação comunicacional ao longo das décadas e passou a atender aos interesses de uma parcela da população até então “desassistida”. A história recente do Grupo Jovem Pan revela sua transformação de uma emissora de rádio em moldes tradicionais para um conglomerado midiático, com streaming, canais no *YouTube*, canal em *TV* a cabo além do rádio em frequência *AM* e *FM*, com interesses alinhados ao da extrema direita brasileira (Guimarães, 2025).

Especialmente a partir de 2013, em decorrência da polarização política do país, a empresa passa a adotar um discurso antipetista e conservador que teve no governo Bolsonaro um terreno fértil para crescer ainda mais em níveis de audiência e faturamento. A partir de 2019, a Jovem Pan ampliou seu alcance com a forte presença no *YouTube*, consolidando-se como uma das principais vozes da extrema direita, especialmente ao passo que incorpora em seus programas carentes de dissenso um discurso combativo contra o STF, o sistema eleitoral e as instituições democráticas, alvos constantes de Bolsonaro durante seu governo (Guimarães, 2025).

O primeiro canal no *YouTube* do Grupo Jovem Pan foi o *Jovem Pan News* criado em 01 de dezembro de 2011. Hoje o grupo conta com sete canais na plataforma que, juntos, somam cerca de 24 milhões de inscritos, 180 mil vídeos publicados e 12 bilhões de visualizações. Dentre eles, destaca-se o canal do programa *Os Pingos nos Ís*. Apesar de ser um dos últimos canais criados (08 de maio de 2015), o canal se sobressai com seus mais de 5,3 milhões de inscritos e mais de 3,2 bilhões de *views*.

Tabela 1. Tabela de dados gerais dos canais no *YouTube* ligados a Jovem Pan

Canal	Criação	Inscritos	Views	Vídeos
Jovem Pan News	01/12/2011	7.680.000	4.655.736.497	135.809
Morning Show	11/02/2015	1.980.000	861.286.736	14.865
Pânico Jovem Pan	11/02/2015	3.900.000	1.417.101.857	15.256
Os Pingos nos Ís	08/05/2015	5.370.000	3.222.469.821	13.978
Jovem Pan Esportes	23/11/2015	4.600.000	3.212.673.770	19.764
Jovem Pan Entretenimento	26/12/2016	221.000	33.267.248	3.028
Jovem Pan 3 em 1	19/01/2017	1.160.000	350.713.799	14.516
Total		23.751.000	13.402.535.929	202.700

Fonte: Guimarães (2025:59).

Com base em uma pesquisa encomendada pela Revista Piauí à Novelo Data, Costa (2022) destaca que, principalmente durante os anos do governo Bolsonaro, o canal teve um boom de inscritos, visualizações e receita proveniente de monetização e propaganda. A pesquisa analisou 1080 vídeos publicados entre 1º de janeiro de 2019, primeiro ano de Bolsonaro na presidência, e 30 de junho de 2022, metade do seu último ano de mandato.

Nesse período de 42 meses, Os Pingos nos Is cresceu muito em audiência. Sextuplicou as visualizações no YouTube e triplicou o número de inscritos. Mais do que isso, fez uma trajetória exemplar no processo de radicalização política, que começou com um antipetismo virulento [...] e terminou abraçando a extrema direita bolsonarista (Costa, 2022).

A análise dos resultados obtidos pela pesquisa chama a atenção para o momento em que a escalada reacionária em nome do apoio a Bolsonaro acontece: a saída de Sérgio Moro do governo, em abril de 2020. Moro sai do cargo de Ministro da Justiça acusando Bolsonaro de corrupção por tentar interferir nas indicações para a chefia da Polícia Federal, causando uma grande agitação na base de aliados e apoiadores do então presidente e instaurando um estado de incertezas sobre as consequências das alegações. O prospectado por alguns era o enfraquecimento de Bolsonaro e de seu governo. Augusto Nunes, comentarista do programa *Os Pingos nos Ís*, no programa de 24 de abril de 2020, chegou a afirmar que “o governo que assumiu em 1º de janeiro de 2019, sob o olhar esperançoso de milhões de brasileiros que apostam e torcem pela vitória no combate à corrupção, este governo terminou hoje” (Os Pingos nos Ís, 2020). Se a projeção inicial era a derrocada de Bolsonaro, o que fez o programa, a sua linha editorial e comentaristas modificarem seu discurso?

Até então, críticas pontuais a algumas ações do governo e atos/falas de Bolsonaro foram feitas pelos membros do programa e a expectativa era, real e inicialmente, um grande abalo na rede de apoiadores (Costa, 2022). Entretanto, o

constatado ao longo dos meses seguintes é o reforço do discurso em apoio a Bolsonaro, e mais, nota-se uma crescente radicalização pautada nos argumentos negacionistas em relação a pandemia, em defesa do voto impresso, a defesa das Forças Armadas como “poder moderador” pautado na interpretação do Artigo 142 da Constituição Federal e, é claro, na perspectiva do STF ser a causa de todas as perniciósidades do país (Costa, 2022).

Nesse sentido, a radicalização do programa acompanha a radicalização da extrema direita brasileira compondo a dinâmica entre razão ardilosa e razão vulgar. O programa incorpora a razão ardilosa ao estabelecer racionalmente estratégias de manipulação, promovendo um discurso fraudulento e golpista com objetivo de formar subjetividades radicalizadas. A audiência, por sua vez, incorpora a razão vulgar, aquela que caracteriza-se por ser acrítica e desprezar a complexidade do mundo ao passo que adere cegamente aos discursos prontos e simplificados. Substitui o pensamento por *slogans* e clichês, imagens que cumprem o papel de biombos. Enquanto a razão ardilosa produz discursos, fantasmas e ideias, a razão vulgar os defende com fanatismo exacerbado. Esta dinâmica compõe, assim, a razão idolátrica, ou seja, a dinâmica de criar fantasmagorias por meio de discursos alegóricos que tornam-se a imagem que substitui a realidade e torna-se a (falsa) realidade do culto idolátrico.

À vista disso, a Jovem Pan se insere como uma parte essencial do ecossistema reacionário brasileiro. Seus programas “jornalísticos”, especialmente o *Pingo nos Ís*, não só reproduziram *fake news* e teorias conspiratórias como também contribuíram diretamente para a legitimação de pautas antidemocráticas, como a defesa de intervenção militar, o ataque sistemático ao STF e a deslegitimação do sistema eleitoral (Guimarães, 2025). Ao se apropriar da autoridade jornalística que sua atuação lhe outorga, a Jovem Pan reverbera discursos antidemocráticos, negacionistas e naturalizadores das relações de mercado, consolidando-se como uma das principais ferramentas de controle e direcionamento do debate político do Brasil. Esta postura, mascarada sob o discurso de “liberdade de expressão” explicita o direto envolvimento do Grupo Jovem Pan no processo de corrosão do ambiente democrático ao promover por meio desse processo de educação informal, uma educação para a violência e negação da alteridade na esfera pública, cujo ato maior, até o momento, foi a invasão e depredação dos edifícios da Praça dos Três Poderes em Brasília, em 08 de janeiro de 2023.

Educar formigas: redes sociais, extremas direitas e a corrosão da democracia

A exposição dos casos da Itália, Estados Unidos e Brasil evidencia como os discursos reacionários contemporâneos valem-se das plataformas digitais para colocar

em prática um projeto político baseado na formação de subjetividades radicalizadas por meio do processo de educação informal. Para isso, os agentes da razão ardilosa constroem, de forma racional e estratégica, diferentes formas de manipulação dos sujeitos (Souza, 2020; Hinkelammert, 1983; Polanyi, 2021). No entanto, para que esses discursos ganhem força e ecoem no meio social, é preciso compreender o momento histórico que os possibilita emergir e garantir a adesão de considerável parte da população, e isso nos ajudará a compreender o que é propriamente *o educativo* na atuação das extremas direitas hoje, ou seja, sua mensagem.

A promessa democrática do pós-Guerra Fria, de que sociedades mais justas e economicamente estáveis seriam estruturadas com a expansão e consolidação de direitos, entra em colapso frente à hegemonia neoliberal, que não apenas dita os rumos da economia mundial, mas também fundamenta o modo de ser e viver de todos os sujeitos (Guilherme & Picoli, 2021; Laval & Dardot, 2016). Com o avanço neoliberal, ocorre uma crise silenciosa, lenta e gradual que resulta na corrosão da classe média, na ampliação da desigualdade social e na precarização das condições de trabalho. Essa crise, em tese, destrói as bases materiais e simbólicas da promessa liberal, produzindo um cenário de frustração. Entretanto, é preciso lê-la a partir do que Souza (2020) aponta, ou seja, a partir da crítica à razão idolátrica: do culto às imagens produzidas por máquinas (qualquer artefato humano, inclusive imaterial) ao invés do auxílio das imagens para acessar o mundo.

É em razão da hegemonia do neoliberalismo, da racionalidade idolátrica, que essa crise, que é uma crise do neoliberalismo (para sermos mais claros, do neoliberalismo enquanto crise permanente), não é enfrentada em suas causas profundas. Ao contrário, frente à desigualdade e a pobreza crescente renova-se a crença na competição e na meritocracia. Frente a violência e a insegurança, é renovada a fé na lei do mais forte. Frente à elevação do custo de vida em que direitos são corrompidos em *commodities*, cresce a descrença na política na mesma medida em que cresce a crença na alternativa despolitizada do empreendedorismo. Inclusive para aqueles que, na desigualdade, correm mais riscos de pobreza do que de enriquecer, e que frente à insegurança, à violência e à desassistência, podem se tornar os próximos a ser abandonados.

É a idolatria que floresce ao termo de uma gestação contaminada por promessas vazias de conciliação e felicidade e por retóricas condescendentes para com o limítrofe e o insuportável, para com a ‘soberana crueldade’, à revelia do factível do real, ou seja, do que realmente conta para a vida, a protege e a promove (grifos no original) (Souza, 2020:09).

Nesse cenário, os agentes do caos avançam, pois mobilizam a ferramenta mais poderosa para atomizar o sujeito: as suas certezas. O algoritmo, essa “arma de destruição matemática” (O’Neil, 2016), essa “máquina de prazer” (Gur-Ze’ev, 2002), não inventou nada de novo, mas fez com que o que já era conhecido, ou seja, a

satisfação de “estar com a razão” mesmo quando a casa queima (Adorno, 2020), fosse amplificado em patamares ainda desconhecidos.

Há, então, um processo que mobiliza esforços para a universalização de seus ideais e valores, que faz uso de ferramentas tecnológicas ubíquas e pervasivas, ou seja, que estão em todo lugar e operam por diferentes linguagens, bem como, tem a tendência, a propensão, de ocupar cada vez mais espaço (tempo) na vida individual e social. Esta é, em outras palavras, a dimensão educativa dessa tentativa dos “engenheiros do caos” imporem sua hegemonia. Contribui significativamente para isso o estabelecimento de uma rede de relacionamento entre lideranças da extrema direita em todo o mundo, com certo grau de midiaticização, sobretudo em redes sociais. À exemplo, em agosto de 2018, Eduardo Bolsonaro, em seu perfil no Instagram, publicou uma foto com Steve Bannon em que, na legenda, afirmava: “[na] ocasião tivemos uma excelente conversa e compartilhamos da mesma visão de mundo. Sr. Bannon afirmou ser um entusiasta da campanha de Jair Bolsonaro e certamente estamos em contato para somar forças, principalmente contra o marxismo cultural” (Bolsonaro, 2018). O “marxismo cultural” ou o “comunismo”, bem como a “defesa da família” e o combate à “ideologia de gênero”, compreendem conceitos elásticos, fantasmagóricos, para os quais é possível atribuir qualquer forma, já que não passam de invenções, de imagens que tem por razão interditar o acesso ao mundo.

A manifestação de um dos herdeiros de Jair Bolsonaro evidencia a articulação internacional entre os grupos de extrema direita. A escolha aqui realizada não exaure a congregação, pois os casos do M5S, da Cambridge Analytica e/ou da Jovem Pan, também poderiam ser analisados em paralelo ao dos libertários argentinos, da Alternativa para a Alemanha (AfD) e do partido de extrema direita francês Reagrupamento Nacional que também fazem parte dessa rede, entre outros (Abrahamsen *et al.*, 2024). Esses casos conseguem, juntos, expressar o potencial de influência das redes sociais não só no direcionamento do debate público, mas também em definir eleições, modelar subjetividades e inferir profundos traumas na vida democrática. Com isso, queremos enfatizar que o *Movimento 5 Stelle* abriu caminho para que Steve Bannon e Donald Trump, a Jovem Pan e Bolsonaro pudessem correr quando chegou o momento de entrar e vencer suas respectivas disputas eleitorais. Mesmo quando amargaram derrotas eleitorais, a estratégia obteve êxito em formar massas aguerridas à causa, indivíduos radicalizados, educados por imagens-biombos.

A crescente adesão dos sujeitos a discursos reacionários é um claro e contemporâneo exemplo da corrosão interna da democracia que Adorno (2020) nos explica: é a degradação da democracia dentro das “quatro linhas” do próprio jogo democrático. Marilena Chauí (2021), como mencionado, enfatiza que os agentes do espectro político de direita têm a vantagem de ter o poder hegemônico e senso comum por ele criado ao seu lado, afinal, não precisam problematizar o *status quo*, mas naturalizá-lo, validá-lo. Eles não exigem muita coisa de seus adeptos, a não ser que

“sejam eles mesmos”, que sejam “autênticos”. É nesse ponto que tem papel importante a crítica que fazem ao “politicamente correto” e aos movimentos de grupos minoritários (mulheres, comunidade LGBTQIA+, negros, povos originários) como agentes restritores de sua liberdade, ou seja, de seu suposto direito de expressar suas ideias livremente, sem consequências de tipo algum. Sustentam, assim, a ideia de que as maiorias são caladas, violadas, pelas minorias, e que é preciso fazer alguma coisa sobre isso. Como resposta a esse problema (que se trata de uma imagem, de uma construção narrativa sem lastro factual) defendem que é preciso restaurar o que entendem por democracia: o respeito absoluto à vontade da maioria, não raro personalizada em um líder capaz de refletir os interesses, mesmo aqueles não conscientes, dos seus apoiadores.

O convite à reflexão, ao pensamento e à alteridade tem pouco ou nenhum espaço, bem como a verdade fática. Em seu lugar é erigido um muro de imagens satisfatórias. Para edificar esse muro entre o indivíduo e o mundo, as extremas direitas contemporâneas lançam mão de expedientes antigos, como a propaganda e o recurso a *slogans* e símbolos utilizados por regimes e movimentos antidemocráticos passados (Guimarães, 2025). Além disso, reivindicam (e produzem) uma leitura ideologicamente revisionista de períodos históricos traumáticos, reabilitando-os ou, quando isso não é possível, atribuindo, com alguma dificuldade e contradição incontornável, a responsabilidades aos grupos e movimentos que lhes fazem oposição, como na tentativa de enquadrar o Nazismo como um movimento de esquerda (Silva & Moreira, 2021). O que importa destacar aqui não é necessariamente o conteúdo do que é defendido, embora isso tenha indiscutível importância em termos práticos. Uma camada mais profunda permite perceber uma alteração no estatuto da “verdade”: não se exige mais um lastro em fontes, em fatos e/ou em dados que podem, por sua vez, ser objetos de interpretações variadas. O que dá sustentação a uma narrativa, ou seja, o que a “torna verdadeira”, é o seu sucesso em ser absorvida por um grupo maior de pessoas do que uma eventual narrativa concorrente. O critério é quantitativo, não mais qualitativo/factual. Em palavras simples: a verdade não tem mais relação com a realidade material (Souza, 2020). Qualquer coisa se torna possível com esse descolamento.

De nossa perspectiva, a novidade é a adesão à lógica de Mercado, e mesmo aqui com modulações que dependem de aspectos da cultura e da organização de grupos opositores em cada realidade nacional. Novidade relativa, pois não podemos perder de vista o laboratório neoliberal que foi o Chile sob Pinochet (Madariaga, 2019). Já a estratégia de propaganda e subjetivação se aproxima muito do padrão fascista (Adorno, 2015), cujo centro de decisão é impenetrável pelos membros da massa (razão vulgar), entretanto estes recebem e consomem uma quantidade restrita de informação que oferece satisfações e a sensação de ser agente, um verniz, portanto, de horizontalidade.

A semelhança com o fascismo não se dá apenas no fato de que a propaganda compreende a substância própria a coisa, ou seja, a significativa desconexão com a realidade fática, a criação industrial de imagens que interditam o acesso ao mundo, mas também no que diz respeito à inovação técnica para a veiculação dessa propaganda. O fascismo foi pioneiro na utilização das novas tecnologias e meios de comunicação para chegar ao poder e permanecer no poder (Adorno, 2020; Smulyan, Pinals, Pinals & Villarreal, 2017). E aqui se encontra o elemento principal que sustenta o amálgama e que compreende o elemento propriamente educativo das extremas direitas pretéritas e contemporâneas: a voracidade em absorver a novidade e a recusa sistemática do novo.

Nesse ponto, a comparação que Davide Casaleggio faz do movimento em que é um dos líderes com um formigueiro apresenta-se como uma peça de involuntária confissão de razão ardilosa. Casaleggio afirma que “as formigas seguem uma série de regras aplicadas a cada indivíduo por meio das quais se determina uma estrutura muito organizada”, entretanto, “uma formiga não deve saber como funciona o formigueiro”. Souza (2020:14) afirma que enquanto a razão vulgar é caracterizada pela idiotia e precariedade, “a razão ardilosa, contraponto exato da razão vulgar e, simultaneamente, sua outra face, sabe exatamente em que consiste e a que veio; mas sua substância depende de sua simultânea habilidade em escamotear a realidade: existe, em suma, para esconder a verdade”.

Afirma Casaleggio também que “cada formiga reage ao contexto, ao espaço no qual se desloca as outras formigas [...] É preciso que os participantes sejam numerosos, que se encontrem por acaso e que não tenham consciência das características do sistema no seu todo”. A razão ardilosa alimenta e manipula uma razão débil, incapaz de construir comunidade, mas satisfeita, pois está crente que é atendida e representada. O encontro ao acaso implica a inexistência de vínculos. A reação em massa, um efeito manada, revela uma multidão de solitários, de indivíduos isolados, mas abastecidos por informações que lhes chegam pelas redes sociais e oferecem a sensação de “fazer história”, de igualdade (ombro a ombro) com seus líderes apresentados como “gente como a gente”.

É revelador da desumanização e da antipolítica o recurso ao formigueiro como estrutura equivalente ao movimento que lidera. O verniz de horizontalidade produz a ilusão de que cada formiga age por própria e livre decisão, e, concomitantemente oculta que suas ações (seus movimentos) são condicionadas pelos algoritmos do regime de informação, uma forma descentralizada, porém eficiente de controle. Se no formigueiro nenhuma formiga tem compreensão do todo, por meio das redes sociais as “formigas” de Casaleggio são educadas não para questionar, mas para reagir de forma automática e irracional às ações que reforçam a ordem vigente. Assim, as “formigas”, crendo serem livres e autênticas, seguem estruturando o projeto dos

engenheiros do caos sem suspeitar dos planos que podem conduzir a própria destruição do formigueiro.

Considerações finais

Qual o educativo na atuação das extremas direitas contemporâneas nas redes sociais e quais são suas implicações para o futuro das democracias? A utopia de que nenhuma outra utopia ainda tenha espaço no mundo implica o desejo de aniquilação da alteridade. Para a razão vulgar, o Outro é perigoso, suas ideias não fazem sentido, são perniciosas, antinaturais. Os casos analisados (o M5S na Itália, a atuação da *Cambridge Analytica* nos Estados Unidos e a radicalização da Jovem Pan no Brasil) demonstram a forma como os reacionarismos contemporâneos se articulam por meio do regime de informação, adaptando experiências externas às suas realidades ao passo que compartilham entre si estratégias de manipulação discursiva, análise e controle de dados. A intersecção dessas experiências acontece ao passo que essas são estratégias que objetivam intervir na subjetividade dos sujeitos, educando-os para a barbárie ao valer-se de suas angústias em nome de um projeto político antidemocrático.

Com o surgimento das redes sociais e personalizadas, a razão artilosa encontrou novas formas de dominação, de criação de ídolos e de adoração além, obviamente, de se valer das crises econômicas e das legítimas angústias da população para tomar (dentro das regras estipuladas pelas democracias liberais) o poder. É dessa conjuntura, por exemplo, que Bolsonaro emerge como um líder tido como incorruptível, capaz de colocar o Brasil no caminho certo, e que Trump surge como a esperança de fazer os EUA grandes novamente. Mas “grande” pode significar coisas diferentes para Trump e seus próximos e para seus eleitores empobrecidos pela dinâmica do capitalismo neoliberal. O importante, para a razão artilosa, é que essa diferença não fique clara, não seja visível, e nesse sentido direciona ao seu público imagens personalizadas, que atendem seus interesses imediatos, satisfazem, mesmo que omitam as questões estruturais que produzem sua condição. A realidade é constituída a partir de alegorias, de fantasmas criados para ser o alvo de sua angústia e raiva.

Se os elementos do fascismo estão sempre a pairar os ares da democracia (Eco, 2022) e se a barbárie vale-se de engrenagens democráticas para se fortalecer e expandir suas ações e discursos, é possível dizer que o fascismo, com as tecnologias do século XXI, voltou a encontrar os instrumentos necessários para tomar o poder de forma decisiva mais uma vez. Importante destacar que o sucesso da extrema direita não se deve exclusivamente por competência. Queremos, outrossim, enfatizar que as novas tecnologias de comunicação e propaganda, em seus respectivos contextos, são mais adequadas ao formato da propaganda reacionária de direita. Uma causa possível para isso é o fato de que não compreendem esferas públicas, democráticas e abertas.

Ao contrário: são empresas privadas e estão orientadas a produzir, de forma direta ou indireta, ganhos para seus proprietários que prosperam na catástrofe.

As extremas direitas contemporâneas são idolátricas porque oferecem, à despeito da crise do neoliberalismo, mais neoliberalismo como solução. É neoliberalismo em um estágio em que ele é hegemônico, em que não há ainda uma oposição organizada, uma alternativa que lhe faça frente e mobilize paixões de massa, uma utopia aberta ao novo. Sem oposição, ele é levado às suas últimas consequências: a aplicação da lógica de mercado como elemento determinante de toda ação. E, por isso, é a própria causa de sua destruição, ou melhor, da destruição do mundo em um cenário altamente lucrativo, dado sua característica suicidária e autofágica (Jappe, 2021).

E é justamente o seu “fracasso”, visível nas ruas de todas as cidades, que refletem o fato de que as medidas neoliberais a desigualdade e (re)alimentam a sensação de terra sem lei, de lei do mais forte, de insegurança e de vulnerabilidade frente ao futuro, o elemento que dá condições para a renovação do culto idolátrico: as promessas são refeitas e os fantasmas renovados. A racionalidade idolátrica é uma racionalidade irracional, ou seja, 1) racional, até mesmo perfeita, em seus meios (Adorno, 2020), e 2) irracional em seus fins: a destruição, a morte. Ao contrário de comunidades responsáveis, como era a esperança de Lévy (2010), as redes sociais, operam como um meio tecnológico perfeito para a atuação das extremas direitas contemporâneas, propício para interligar pessoas, ideologias, medos, paranóias e inverdades. Sob a aparência de liberdade e espontaneidade, educa os sujeitos para uma concepção quantitativa da “verdade”, para a naturalização das relações de mercado e para uma ideia de democracia como imposição da vontade da maioria sobre as minorias. Verdadeiros exames digitais (Han, 2018), formigueiros, que, guiados por seus líderes e alimentados pelos algoritmos, colocam em risco não só a democracia, mas a humanidade como um todo.

Referências

- ABRAHAMSEN, Rita; DROLET, Jean François; WILLIAMS, Michael; VUCETIC, Srdjan; NARITA, Karin; GHECIU, Alexandra. (2024). *World of the Right: Radical Conservatism and Global Order*. Cambridge, Cambridge University Press.
- ADORNO, Theodor. (1995). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ADORNO, Theodor. (2015). “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, in T. Adorno. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo, Unesp, pp. 153-190.
- ADORNO, Theodor. (2020). *Apectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo, Unesp.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. (1985). *Dialética do esclarecimento*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ARENDT, Hannah. (2017) *A condição humana*. 13º ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- CHAUÍ, Marilena. (2021). *Cidadania cultural: política cultural e cultura política novas*. Belo Horizonte, Autêntica.



- DOMÍNGUEZ, Íñigo. (2024). “El Movimiento 5 Estrellas cierra una época en Italia al destituir a su fundador, el cómico Beppe Grillo”. *El País Itália*. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2024-12-09/el-movimiento-5-estrellas-cierra-una-epoca-en-italia-al-destituir-a-su-fundador-el-comico-beppe-grillo.html?utm_source=chatgpt.com
- DOS SANTOS, João Guilherme B.; CHAGAS, Viktor. (2018). “Direita transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL”. *MATRIZES*, v. 12, n. 8, pp. 189-214. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p189-214>
- EMPOLI, Giuliano. (2019). *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. Belo Horizonte, Vestígio.
- EVANGELISTA, Rafael. (2025). “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos: as mudanças nas políticas da Meta e a tomada da Casa Branca pelo Vale do Silício”. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 19, n. 1, pp. e5033. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v19i1.5033>
- FORTI, Steven. (2024). “Extreme Rights 2.0, A Big Global Family”. *NACLA Report on the Americas*, v. 56, n. 1, pp. 20-27. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10714839.2024.2323396>
- GUILHERME, Alexandre A.; PICOLI, Bruno A. (2017). “Redes sociais e educação informal: entre o cenário da vila e o pensamento crítico”. *Diálogos Latinoamericanos*, n. 26, pp. 23-37. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/21172/2/Redes_sociais_e_educacao_informal_entre_o_scemo_del_villaggio_e_o_pensamento_crtico.pdf
- GUILHERME, Alexandre A.; PICOLI, Bruno A. (2021) “Neoliberalism and Education in the Global South: A New Form of Imperialism.” In Ness Immanuel; Cope Zak. (Org.). *The Palgrave Encyclopedia of Imperialism and Anti-Imperialism*. 2ed. Cham, Springer International Publishing, v. 1, pp. 1-13. Disponível em: https://link.springer.com/rwe/10.1007/978-3-319-91206-6_144-1
- GUIMARÃES, Roberta. (2025). *Em nome da “nossa liberdade”: reacionarismo, youtube e implicações educacionais para a democracia*. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE, UFFS, Chapecó, 132 p. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/8535>
- GUR-ZE'EV, Ilan. (2002). “É possível uma educação crítica no ciberespaço?”. *Comunicações*, v. 9, n. 1, pp. 72-98. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/1569/982>.
- HAN, Byung-Chul. (2018). *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, Vozes.
- HAN, Byung-Chul. (2022). *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis, Vozes.
- HINKELAMMERT, Franz. (1983). *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Paulinas.
- Hobsbawm, Eric. (1997). “Introdução: a invenção das tradições”, in E. Hobsbawm e E. R. Terence (orgs). *A invenção das tradições*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pp. 9-24.
- JAPPE, Anselm. (2021). *A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. São Paulo, Elefante.
- LANIER, Jaron. (2018). *Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*. São Paulo, Intrínseca.
- LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo.
- LÉVY, Pierre. (2010). *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34.
- LILLA, Mark. (2016). *A mente naufragada: sobre o espírito reacionário*. Rio de Janeiro, Record.
- LORIMER, Marta; JONGE, Leonie de; GRIFFINI, Marianna. (2025) “Snap Out of It? Governmental Instability and Far-Right Mainstreaming in the Dutch and French Elections of

- 2023/2024". *Journal of Common Market Studies*, pp. 1-15. [Consult, 14-10-2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jcms.70004>
- MADARIAGA, Aldo. (2019). "La continuidad del neoliberalismo en Chile". *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, n.2, pp. 81-113. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n2.2019.23217>
- MAMMONE, Andrea. (2015). *Transnational neofascism in France and Italy*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MINKENBERG, Michael. (2011). *The radical right in Europe: An overview*. Gütersloh, Bertelsmann Stiftung.
- MOUFFE, Chantal. (2019). "The populist moment". *Simbiótica*, v. 6, n. 1, pp. 06-11. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5759/575961686004/>
- NAZARENO, Marcelo; BRUSCO, Valeria. (2024). "Derecha radical y subjetividad política en la Argentina. Qué hay detrás del voto a Javier Milei". *POSTData*, v. 28, n. 2. pp. 227-251. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://revistapostdata.com.ar/index.php/postdata/article/view/1>
- O'NEIL, Cathy. (2016). *Weapons of math destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. New York, Broadway Books.
- PAULO, Diego M. D. (2020). "Os mitos da Brasil Paralelo—uma face da extrema direita brasileira (2016-2020)". *Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, v. 10, n. 1, pp. 101-110. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/4180>
- PICOLI, Bruno A.; RADAELLI, Samuel M. (2024). "Novidade sem o Novo: educação e inovação no neoliberalismo". *Revista Espaço Pedagógico*, v. 31, pp. e16169. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v31.16169>
- PICOLI, Bruno A.; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta. (2020). "Revisionismo histórico e educação para a barbárie: a verdade da 'Brasil Paralelo'". *Revista UFG*, v. 20, pp. e64896. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.64896>
- PLÁ, Sabastián. (2022). *Investigar la educación desde la educación*. Madri: Morata.
- POLANYI, Karl. (2021). *A grande transformação: as origens políticas e económicas do nosso tempo*. Lisboa, Edições 70.
- RADAELLI, Samuel M. (2022). *Direcionário: o dicionário reacionário*. Porto Alegre, Artes e ofícios.
- RODRÍGUEZ PÉREZ, Isaura. (2024). "Discursos de odio en X: aproximación a los mensajes de Javier Milei y el espacio político La Libertad Avanza". *Revista Más Poder Local*, v. 58, n. 1, pp. 48-69. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em <https://doi.org/10.56151/maspoderlocal.233>
- SANTOS, Rodrigo O. (2022). "Algoritmos, engajamento, redes sociais e educação". *Acta Scientiarum. Education*, v. 44, e52730. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v44/2178-5201-aseduc-44-e52736.pdf>
- SILVA, Jaqueline A.; MOREIRA, Carla B. (2021). "Nazismo é de esquerda: implicações discursivas, silenciando e memória", in F. Galli et al. (orgs). *Práticas contemporâneas em análise de discurso*. Recife, Editora UFPE, pp. 122-136.
- SMULYAN, Harold; PINALS, Robert; PINALS, Lisa; VILLARREAL, Daniel. (2017). "Wireless: The Life and Death of Guglielmo Marconi". *The American Journal of the Medical Sciences*, v. 353, n. 6, pp. 511-515. [Consult. 26-06-2025]. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.amjms.2016.12.022>
- SPINOZA, Baruch. (2009). *Ética*. Belo Horizonte, Autêntica.
- SOUZA, Ricardo T. (2020). *Crítica da Razão Idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre, Zouk.

SUMPTER, David. (2019). *Dominados pelos números: do Facebook e Google às fake news, os algoritmos que controlam nossa vida*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.



ZUBOFF, Shoshana. (2021). *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro, Intrínseca.

Bruno Antonio Picoli

 <https://orcid.org/0000-0001-6831-2199>
 <http://lattes.cnpq.br/0720220622377411>

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisa com fomento pelo Edital N° 154/GR/UFFS/2024 de Fomento à Pesquisa com ênfase na Pós-Graduação Stricto Sensus. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó. Co-líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Violência e Democracia (GRUPEVD). E-mail: prof.brunopicoli@gmail.com

Roberta Guimarães

 <https://orcid.org/0000-0003-2874-3044>
 <http://lattes.cnpq.br/9985861511236914>

Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina. Professora da rede ensino básico de Santa Catarina, Brasil, e membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Violência e Democracia. E-mail: gmrs.roberta@gmail.com